

<https://doi.org/10.51234/aben.22.e10.c14>

ACESSO À INFORMAÇÃO, SAÚDE MENTAL DE IDOSOS E PANDEMIA DE COVID-19: PESQUISANDO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Marina Bittelbrunn Severo¹

ORCID:0000-0002-7210-3442

Luiza Guilhermina de Oliveira Lopes¹

ORCID: 0000-0002-1525-2636

Karla Frichembruder¹

ORCID: 0000-0002-9052-7433

Camila Mello dos Santos¹

ORCID: 0000-0001-5354-3699

Alexandre Fávero Bulgarelli¹

ORCID: 0000-0002-7110-251X

INTRODUÇÃO

O mundo não estava preparado para o enfrentamento da pandemia da doença Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2, conhecido como coronavírus. Não se acreditava e nem mesmo se esperava tamanho assolamento refletido em perdas de milhares de vidas, construção de novas práticas sanitárias, estafa de profissionais da saúde, isolamento social, abalo de sistemas de saúde em todos os continentes, famílias enlutadas e Universidades reinventadas dentre tantas outras consequências. No processo de conviver em plena pandemia com tais consequências, os seres humanos depararam-se com enormes dificuldades, novas necessidades e enfrentamentos econômicos, políticos, sociais e emocionais. Além disso, ao conviver com as realidades de uma pandemia, todo ser humano, em sua mais plena diversidade, seja de maneira direta ou indireta, percebeu, sentiu e vivenciou algo subjetivo que de certa forma está relacionado com sua saúde mental. Tristeza, medo, insegurança, frustração, ansiedade, culpa e ao mesmo tempo compaixão, esperança, gratidão e amor ao próximo são sentimentos que se entrelaçaram na subjetividade da vida humana em momentos de pandemia de Covid-19.

A humanidade estava preparada para lidar com este turbilhão de sentimentos?

A modernidade e contemporaneidade das tecnologias digitais do Século XXI trouxeram aproximações com diversas tecnologias e inclusão digital, bem como velocidade e facilidades na comunicação entre as pessoas e no acesso à informação. Deste modo, acreditou-se que tais tecnologias seriam fundamentais para dissipar informações importantes para conscientizar e nortear práticas de cuidados em saúde, incluindo a saúde mental das populações. Porém, além de todas as situações de enfrentamentos da Covid-19 construídas durante a pandemia, o acesso à informação na atualidade também gerou uma nova preocupação: a infodemia. Dito de outra forma, uma avalanche de informações

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Autor Correspondente:

Alexandre Fávero Bulgarelli
alexandre.bulgarelli@ufrgs.br



Como citar:

Severo MB, Lopes LGO, Frichembruder K, Santos CM, Bulgarelli AF. Acesso à informação, saúde mental de idosos e pandemia de Covid-19: pesquisando no estado do Rio Grande do Sul. In: Cavalcante RB, Castro EAB, (Org.). Infodemia: gênese, contextualizações e interfaces com a pandemia de covid-19. Brasília, DF: Editora ABEn; 2022. p. 124-31 (Serie Enfermagem e Pandemias, 7). <https://doi.org/10.51234/aben.22.e10.c14>

Revisor: Prof. Dr. Renato José De Marchi. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.



envolvendo a pandemia veio repleta de informações não construtivas, informações sem fundamentações científicas e informações sem verificação da realidade dos fatos envolventes. Este fato gerou consequências importantes nos comportamentos e, em algumas situações, no inadequado enfrentamento da doença⁽¹⁾.

A contemporaneidade do acesso à informação por mídias digitais onde se pode, por exemplo, acessar redes sociais, canais de televisão e rádio, muitas vezes possibilita o recebimento de informações falsas sobre a Covid-19. Neste arcabouço de fragilidades no acesso a informações duvidosas é muito importante a calma, o discernimento e a busca pela veracidade da informação antes de se reproduzir ou se aproximar de práticas em saúde no enfrentamento da pandemia. Discernimento é uma habilidade que, frente a novos acontecimentos, demanda tempo para buscar e refletir sobre a veracidade de uma informação. Além disso, frente a facilidade e rapidez no acesso às informações pelas diversas mídias, os receptores destas informações acreditam, aceitam ou ignoram a informação⁽²⁾. Assim, o fato de discernir sobre o recebimento de uma informação é fundamental, e, lidar com falsas informações ou mesmo o excesso de informação é algo necessário para se ter uma boa saúde mental em tempos de pandemia.

A pandemia de Covid-19 gerou uma crise de saúde mental global, e áreas como a psicologia, a psiquiatria e a assistência social mostram-se fundamentais no apoio e na construção do bem-estar de pessoas acometidas pela doença, bem como seus familiares e cuidadores⁽³⁾. O contexto da pandemia repercutiu na saúde mental das pessoas a qual precisa ser monitorada e assistida. Neste processo de enfrentamento e manutenção da saúde mental em tempos de pandemia de Covid-19, um aspecto a ser observado é a saúde mental e os enfrentamentos das pessoas idosas. Os idosos estão entre os que apresentam maior risco de necessitar de hospitalização e maior risco de óbito por Covid-19. Além da dimensão biológica da doença a dimensão social, como o isolamento social e a necessidade de quarentena, a pandemia coloca esta população idosa em maior risco de desenvolver fobias, medos, bem como transtornos de ansiedade e compulsão⁽⁴⁾. Para tanto, questionamentos como: os idosos têm acesso à informação sobre as diversas realidades da pandemia? Os idosos recebem informações falsas sobre a Covid-19? Como eles discernem e enfrentam tais situações? Como manter a saúde mental nestas situações extremas? Enfim, estes são questionamentos que podem ser respondidos e trabalhados com a ciência e a compaixão.

Na perspectiva de apresentar uma reflexão sobre tais contextos da pandemia, o presente capítulo propõe-se a trazer uma narrativa sobre aspectos envolvendo a contemporaneidade de assuntos em uma interlocução entre saúde mental, população idosa, enfrentamentos e informações sobre a Covid-19. Com o objetivo de ilustrar a questão do acesso à informação por parte dos idosos, será apresentado, também, um relato de experiência de trabalho de campo para coleta de dados de uma pesquisa sobre infodemia e saúde mental de idosos realizada no estado do Rio Grande do Sul em plena pandemia de Covid-19.

ACESSO À INFORMAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO DIGITAL DOS IDOSOS

Sabe-se que o desenvolvimento de tecnologias de comunicação, bem como a ampliação do acesso às mesmas têm tido um grande progresso nos últimos anos. Arelado a este fato, a disseminação de informações passa a ser facilitada, porém alguns conteúdos divulgados podem não ser verídicos⁽¹⁾. A familiarização com as tecnologias requer que os usuários também desenvolvam uma alfabetização digital, ou seja, capacidade de identificar quando um conteúdo é verdadeiro e baseado em estudos e verificações, ou quando se trata das populares “fake news”, que se referem às informações falsas⁽⁵⁾.

A população idosa brasileira é formada por um conjunto de faixas etárias, a partir dos sessenta anos de idade, que se constituem em pessoas que não nasceram imersas na cultura digital. Com o passar dos anos, estas pessoas idosas e longevas necessitam buscar estratégias para se contextualizar e utilizarem as ferramentas e tecnologias digitais em suas vidas⁽⁶⁾. Neste sentido, entende-se como necessário considerar as desigualdades existentes, tendo em vista a aquisição de tecnologia e tempo disponível de acesso, além da diferença entre classes sociais e contexto geracional. Manter um olhar atento às particularidades da população

é compreender que o material disponível na internet chegará ao conhecimento dos usuários de formas diferentes e essa consideração contribui na busca por justiça social⁽⁷⁾.

Sabe-se que pessoas que atingem a fase da velhice de maneira saudável, com autonomia e independência refletem um processo de envelhecimento ativo. Segundo a Organização Mundial da Saúde o envelhecimento ativo é o processo em que ao longo da vida de um ser humano o mesmo recebe condições de vida com segurança, participação social e acesso a cuidados em saúde estruturadas nas políticas públicas de seus países⁽⁸⁾. Deste modo, esta definição traz uma maneira mais inclusiva de olhar para os idosos de maneira a otimizar oportunidades e qualidade de vida ao longo do envelhecimento.

Idosos ativos acabaram passando pelo processo de aprendizagem e adaptação para adquirirem os conhecimentos necessários ao letramento/alfabetização digital tão necessário e relevante atualmente. Porém, é imprescindível considerar os aspectos humanos envolvidos nesse processo de aprendizagem, visto que, apesar de os idosos ativos terem desenvolvido habilidades para lidar com as tecnologias, ainda é necessário considerar as variáveis do contexto social, afetivo e emocional ao estudar a maneira como esta faixa etária se relaciona com o contexto digital. Neste processo, cabe destacar que a representação social da ideia de velhice como a “melhor idade” trouxe consigo a velhice como algo gratificante e com possibilidades de novos aprendizados⁽⁹⁾.

Aproximando esta temática à pandemia do coronavírus, percebe-se a atual necessidade das pessoas irem em busca de informações sobre a doença, evidenciada pelo aumento das buscas pela palavra “coronavírus” na internet⁽⁵⁾. Os impactos causados por surtos de doenças são um exemplo de contexto do qual se deve adquirir informações adequadas, a fim de acompanhar dados verídicos sobre a enfermidade. Nesse processo de coletar informações a respeito de um evento que trouxe tanta repercussão e discussão ao redor do mundo, ocorre, também, a supracitada infodemia, ou a epidemia de informações, entre elas, as falsas. Este fenômeno tem ocasionado a disseminação de informações que não apresentam validação científica a respeito de características epidemiológicas, sociais e contextuais sobre o vírus^(1,5).

O acesso às informações validadas sobre a saúde da população contribui na compreensão sobre si e sobre o contexto que se está inserido. Isso acaba por repercutir na saúde física e mental, ao considerar que aumenta a autopercepção do sujeito e o torna mais ativo em seu processo de prevenção e promoção da saúde⁽¹⁰⁾. Nesse sentido, cabe destacar que no Brasil o Sistema Único de Saúde (SUS) traz, dentre seu arcabouço teórico-prático a construção de estratégias de educação em saúde para que o usuário conheça sua própria saúde administrando seu autocuidado, bem como conheça os serviços disponíveis e o funcionamento das redes de atenção à saúde

Considerando que 79,1% dos lares brasileiros possuem acesso à internet⁽¹¹⁾, o uso de mídias digitais para coletas de dados com fins científicos acabou se tornando uma ferramenta essencial. Ainda segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios(PNAD)⁽¹¹⁾, o equipamento mais utilizado para acessar a internet é o celular, encontrado em mais de 99% dos lares com esse recurso. Ao pensar nesses aspectos, um pesquisador deve ter em mente a necessidade de adaptar sua pesquisa aos recursos do seu público-alvo. Sendo assim, pessoas que utilizam somente um equipamento eletrônico precisam conseguir ter acesso ao material científico de forma simples e adaptada às suas possibilidades.

No que diz respeito ao uso do celular para acesso a mídias digitais e *websites*, os sistemas de informação estão se adaptando à nova realidade do uso do *smartphone* como principal equipamento. Logo, foram criadas tecnologias para esses aparelhos, assim, destacam-se os aplicativos e os *Progressive Web Apps* (PWA). O *website* tradicional, utilizado em computadores, possui a vantagem de não exigir espaço na memória quando utilizado no celular, porém são mais difíceis de serem utilizados em aparelhos móveis⁽¹²⁾. Os aplicativos por sua vez, solicitam espaço no armazenamento interno como pré-requisito, mas são mais intuitivos para os usuários. Nesse cenário, os PWA unem as vantagens dos dois recursos citados anteriormente e dão ao usuário uma experiência mais facilitada. A companhia desenvolvedora do recurso PWA é a Google Inc.

Acredita-se que na atualidade grande parte da população idosa tenha habilidade para aprender a utilizar aparelhos eletrônicos. Este aprendizado pode impactar positivamente em suas vidas. As tecnologias podem auxiliar no recebimento das informações, mas a credibilidade da informação deve ser avaliada. No Brasil, a parcela da população idosa que acessou a internet subiu de 24,7% em 2016 para 31,1% em 2017, demonstrando o maior aumento proporcional (25,9%) entre as faixas etárias pesquisadas⁽¹¹⁾. Considerando que o maior aumento proporcional de novos usuários está na população idosa, imagina-se que esse número tende a crescer mais por diversos motivos. Pode-se citar, em especial, a necessidade de se manter em isolamento social em tempos de pandemia da Covid-19, pois a população idosa faz parte do grupo de risco de agravos da Covid-19 por ser uma população mais fortemente associada a comorbidades sistêmicas. Segundo o Estudo Longitudinal de Saúde dos Idosos Brasileiros de 2018⁽¹³⁾, mais de 68% desses idosos possuem pelo menos uma doença crônica, sendo a hipertensão a mais prevalente. Neste contexto, um estudo associou o número de mortes relacionadas ao SARS-CoV-2 às variáveis como comorbidades e faixa etária. O estudo concluiu que pessoas acima de 80 anos possuem cerca de 20 vezes mais chances de morrer por coronavírus do que pessoas entre 50 e 59 anos de idade⁽¹⁴⁾. Além disso, necessidades básicas como ir ao supermercado e a consultas médicas se tornaram mais perigosas devido ao risco de exposição ao vírus. Nesse sentido, acredita-se que *websites* de compras *online* e a telemedicina podem ser consideradas como fundamentais ao enfrentamento do isolamento social.

Portanto, os idosos estão adentrando ao mundo digital, principalmente, pela necessidade de fazer atividades que antes eram realizadas presencialmente, como ir ao banco, ir ao médico, ir ao supermercado e encontrar a família. As redes sociais, como o *Facebook*, permitem ao usuário idoso manter relações próximas com as pessoas que estão fisicamente distantes. Destaca-se que as mídias sociais, conseqüentemente, se tornam ferramentas para pesquisadores atingirem públicos-alvo de maneira mais direta e efetiva⁽⁶⁾.

IMPACTO PSICOLÓGICO DO ISOLAMENTO

A circunstância de uma epidemia, ou mesmo a pandemia de Covid-19, costuma afetar um número maior de pessoas psicologicamente do que de fato por infecção, devido ao contexto estressor que se instaura. Levando este dado em consideração, entende-se que ao não investir em atenção aos cuidados psicológicos, a população que enfrenta a propagação do fenômeno da pandemia tende a ter um terço ou até metade dos indivíduos com complicações psiquiátricas e/ou psicológicas⁽¹⁵⁾.

As pessoas com 60 anos ou mais (idosos e longevos), por serem caracterizadas como um dos grupos de risco para agravamento da Covid-19, foram orientadas a seguir protocolos de prevenção mais rígidos do que o restante da população⁽⁷⁾. O isolamento social tornou-se uma medida essencial para proteger essa faixa etária. No entanto, a manutenção do isolamento trouxe conseqüências como a solidão, a ansiedade e a depressão⁽¹⁶⁾. Ao compreender a saúde mental de forma sistêmica, sendo influente e influenciada pelos vínculos sociais estabelecidos, o isolamento dos idosos de seus familiares, amigos ou equipe de saúde com a qual têm contato, afastamento das atividades diárias em empresas ou locais públicos bem como as mudanças nas rotinas repercutiram no sentimento de desamparo e abandono. O isolamento social dos idosos vem acompanhado de muitas incertezas, que têm mostrado conseqüências em diversos setores, com implicações diretas no cotidiano e na saúde mental da população⁽¹⁵⁾.

Tendo em vista estes impactos, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), juntamente com a Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou no ano de 2020, também na língua portuguesa, o guia produzido a respeito da Intervenção Humanitária do Programa de Ação Global para Superação das Lacunas em Saúde Mental¹. Do mesmo modo, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC) produziu um material com recomendações a respeito do enfrentamento e da atenção à saúde mental durante a pandemia de

1 Guia de Intervenção Humanitária do Programa de Ação Global para Superação das Lacunas em Saúde Mental da OMS (GIH-mhGAP) OPAS.

Covid-19. No intuito de desenvolver a qualidade de vida e amenizar as repercussões causadas pelas incertezas no período de isolamento social, os órgãos institucionais de saúde produzem e divulgam orientações atuais e validadas a respeito da pandemia de Covid-19. Busca-se com isso, evitar a desinformação por notícias falsas ou sensacionalistas e reforça-se a importância de confirmação da origem e da veracidade do material obtido. Em relação aos idosos, traz-se como fundamental o acesso a notícias simples, esclarecedoras e objetivas, tanto sobre os impactos do vírus, quanto sobre os métodos de prevenção^(5,17).

O isolamento dos idosos, bem como a falta de socialização e convivência intergeracional sempre foram problemas sociais, afetando diretamente o bem-estar dos indivíduos na fase da velhice⁽¹⁸⁾. Porém, com a atual pandemia de Covid-19 e conseqüente recomendação de isolamento social, as desigualdades populacionais mostraram-se ainda mais evidentes⁽⁷⁾. Portanto, a atenção ao acesso da população idosa aos meios de comunicação eletrônicos passa a ser entendida como algo viável para reaproximação dessa população à sua rede de relacionamentos, trabalhando no restabelecimento de vínculos e da autonomia.

COLETANDO DADOS ACERCA DA INFODEMIA DE COVID-19 NO SUL DO BRASIL

Durante o ano de 2020, com o intuito de coletar dados para uma pesquisa científica que buscava analisar os impactos da infodemia de Covid-19 na saúde mental de idosos que tivessem acesso e redes sociais e que fossem alfabetizados digitalmente, um grupo de pesquisadores viu a necessidade de estudar maneiras de abordagem deste público-alvo no período de pandemia. A pesquisa teve seus dados coletados por meio de um questionário disponibilizado e acessado online (*WhatsApp* e *Facebook* dentre outras redes sociais) onde os idosos acessaram e responderam o questionário totalmente *online*. Houve a necessidade, por parte dos pesquisadores, de fazer com que a população idosa recebesse tal questionário que tinha seu acesso por meio de um *link* em um convite virtual. A companhia Google Inc foi a ferramenta que hospedou o questionário da pesquisa. Deste modo, os respondentes tinham a possibilidade de acessar as perguntas por qualquer dispositivo, sendo móvel ou não, de forma simples e axiomática.

Em um primeiro momento, decidiu-se enviar o *link* de acesso ao questionário da pesquisa para pessoas idosas próximas ou qualquer pessoa que pudesse compartilhar a pesquisa em suas redes sociais. A primeira e maior barreira foi o tempo necessário para que os idosos respondessem o questionário da pesquisa. Uma pessoa familiarizada com o uso de aparelhos eletrônicos conseguiria responder as perguntas em pouco mais de 20 minutos. Dessa forma, quem encontrasse alguma dificuldade na utilização do questionário *online*, poderia ultrapassar significativamente esses 20 minutos. Por ser um questionário com muitos textos, exigia que o respondente se mantivesse atento às perguntas. Percebeu-se que idosos de convívio próximo aos pesquisadores terminavam a pesquisa e buscavam dar retorno aos pesquisadores. Cabe destacar que não foi possível obter os dados daqueles que iniciaram o questionário e o abandonaram sem finalizar, para que os pesquisadores pudessem saber o motivo deste abandono, que possivelmente era o longo tempo para responder.

Não há dados que revelem a maneira correta de aplicar um instrumento de acesso remoto em idosos. Na compreensão do acesso à informação e da alfabetização digital de idosos foi importante, durante a realização da coleta de dados, entender o padrão comportamental dos idosos nas redes sociais, a fim de que os pesquisadores atingissem maior número de pessoas idosas para participarem da pesquisa. No estudo de Kiat e Chen (2015)⁽¹⁹⁾, foram estudadas as necessidades de usuários idosos durante o uso de Aplicativos de Mensagens Instantâneas. Dentre as recomendações dos autores estão: eliminação de frases e funções desnecessárias, preferência por interface simples, uso mais frequente de textos e não de símbolos, além do uso de fontes com cores quentes em fundos com cores frias.

Pensando nisso, foi criado um vídeo que convida os idosos a participarem da pesquisa. É um vídeo com a estratégia chamada "*call to action*" que é muito utilizada nas mídias sociais, pois convida o usuário a interagir com o conteúdo. Buscou-se fazer animações que tornassem o vídeo mais atrativo, além de serem utilizados

personagens idosos, para que o público entrasse em um processo de identificação. Foi proposta uma linguagem mais simples e sem termos técnicos, para que a mensagem pudesse ser compreendida em sua totalidade. O vídeo contou com situações facilitadoras para leitura e acompanhamento dos idosos. Deste modo, o vídeo continha frases curtas e legendas com caixa alta, em fonte 20 pontos. Além disso, as frases eram deixadas em tela por mais de 5 segundos, a fim de que fosse possível ler com tranquilidade. O vídeo possui 1 minuto e 50 segundos, o que segue o objetivo de ser um vídeo curto e que mantém a atenção do usuário. Ele está hospedado no Youtube com o título “Pesquisa sobre infodemia da Covid-19 em Idosos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS)”. Também foram criados *banners* de divulgação da pesquisa com os mesmos personagens do vídeo, criando, assim, uma identidade visual que gerasse o sentimento de identificação.

Durante o envio e aplicação do instrumento, os pesquisadores foram questionados pelos idosos sobre a confiabilidade do *website*. Essa situação pode ser justificada por alguns motivos. Sabe-se que com o início da pandemia da Covid-19, a disseminação das chamadas *fake news* nas mídias sociais aumentou. Acredita-se que possíveis informações falsas envolvendo a pesquisa científica brasileira, a efetividade das vacinas e informações falsas em relação ao próprio SUS, podem gerar descuidos por parte da população no autocuidado referente à prevenção da Covid-19. Além das *fake news*, existem golpes em redes sociais para captação de dados das pessoas, utilizando como o pretexto a participação em pesquisas sobre a saúde durante a pandemia de Covid-19. Esses golpes eram feitos por meio de ligações telefônicas nos celulares ou abordagens pelas redes sociais. Os idosos, ao se interessarem pela suposta pesquisa-golpe, eram instruídos a informar dados pessoais como informações de documentos e cartões de crédito. Por esse motivo, muitos idosos que seriam potenciais participantes da pesquisa real, possivelmente ficavam receosos em participar do estudo sobre a infodemia relatado neste texto.

A principal forma de acesso às perguntas era obtida por meio de um *link* enviado junto ao texto, *banner* ou vídeo. Outra barreira enfrentada pelos pesquisadores é a existência de ataques, conhecidos como *phishing*, em que *links* são enviados por e-mail ou pelas mídias sociais, como o *WhatsApp*. O objetivo desses ataques é, principalmente, obter os dados pessoais de quem acessa o *link*. Esses dados podem ser utilizados para extorsão das vítimas ou para acessar cartões de crédito e contas bancárias. Entretanto, essa prática já é conhecida e há campanhas que alertam os usuários sobre esse risco. Um exemplo de campanha é a chamada “Fique Esperto”, realizada pelo governo federal e empresas de iniciativa privada, cujo objetivo é alertar sobre golpes no mundo virtual. Um estudo realizado com idosos de Taiwan analisou os aspectos considerados essenciais pelo público idoso ao utilizar mídias sociais. Os pesquisadores concluíram que um dos fatores atrativos mais importantes para essa faixa etária é a extrema proteção da privacidade do usuário⁽²⁰⁾. Sendo assim, acredita-se que possa ter havido muita recusa de participação por medo do *link* se tratar de *phishing*.

O *Facebook* e o *WhatsApp* foram as principais redes utilizadas pelos pesquisadores para coleta dos dados, pois os autores acreditavam que estas eram as redes sociais mais utilizadas pelos idosos. Também foram utilizados o *Instagram* e o *Twitter*, com a finalidade de atingir maior número de idosos. Foram selecionadas páginas específicas para o público idoso, como a página da Universidade Aberta para Pessoas Idosas(U-NAPI) da UFRGS, páginas de academias de danças para idosos, páginas de agentes políticos defensores de ações para idosos, sindicatos de profissionais aposentados, grupos de bairro da cidade de Porto Alegre/RS, Organizações Não Governamentais(ONG) focadas em ações para a população idosa, dentre outras. Nessas páginas, foram divulgados o texto elaborado pelos pesquisadores, o *banner* e o vídeo. No entanto, também foi possível contar com a ajuda de pessoas com grande visibilidade na rede social *Instagram*. Apesar de não fazer parte das redes sociais mais utilizadas pelo público-alvo, buscou-se selecionar perfis cujo público não possuíam faixa etária muito restrita, a exemplo de profissionais de saúde que falam sobre os cuidados durante a pandemia de coronavírus.

Percebeu-se, principalmente com as “saídas de campo virtuais”, a necessidade de criação de vínculo com o entrevistado, a fim de que se passasse segurança para o mesmo. Como citado anteriormente, também se

viu um esforço maior por parte do entrevistado quando havia uma relação prévia com o pesquisador, sendo uma relação de amizade, afeto ou familiaridade. Essa proximidade é vantajosa, mas utópica quando se trata de uma amostra grande de respondentes. Dessa forma, o que ficou de aprendizado com este tipo de coleta de dados foi que o essencial é diversificar a abordagem. O público idoso, assim como as outras faixas etárias, não pode ser estigmatizado ou menosprezado quando se trata de redes sociais. Pessoas acima dos 60 anos utilizam as mídias sociais de forma muito ampla e diversa. Enquanto algumas pessoas utilizam as redes em busca de comunicação com familiares e amigos, outras utilizam as redes como meio de entretenimento, divulgação de serviços e obtenção de notícias. Sendo assim, é importante que o pesquisador tenha sempre em mente que uma única forma de abordagem pode não ser suficiente. É necessário entender que pessoas idosas e longevas estão avançando e se informando acerca das tecnologias e mídias digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste capítulo foram apontadas as influências do acesso à informação na saúde mental dos idosos em tempos de pandemia de Covid-19. Discutiu-se a inserção das pessoas idosas e longevas no contexto da tecnologia, fazendo a distinção entre o acesso e a compreensão do material obtido, destacando a importância de haver uma alfabetização digital a fim de que o idoso usufrua das possibilidades de informação trazidas pela internet.

Foram apresentadas considerações a respeito das decorrências do isolamento social na saúde mental da população idosa. A recomendação de isolamento mais rígida às pessoas com mais de 60 anos, por serem grupo de risco do Covid-19, fez com que os impactos sociais de distanciamento social dessa população fossem ainda mais acentuados. Buscar compreender a forma de acesso à rede de relacionamentos dessa população, é dar atenção aos aspectos psicossociais na exploração dos impactos da pandemia.

Novos modos de ação, como os descritos no relato da experiência apresentado, acerca da infodemia de Covid-19 no sul do Brasil foram identificados como essenciais na aproximação com o público idoso quando se trata de realização de pesquisas científicas. Explicações lúdicas e com possibilidade de identificação pessoal, trouxeram maior viabilidade de compreensão por parte deste grupo avaliado. Embora não se tenha dados específicos sobre os participantes que abandonaram a pesquisa antes de concluí-la e tendo em vista os atravessamentos de outras pesquisas falsas (pesquisas-golpe e ataques) que estavam sendo propagadas concomitantemente ao estudo, entende-se que as adaptações elaboradas na divulgação e abordagem dos idosos colaboraram para estabelecer uma relação de confiança e comprometimento com os idosos e longevos que persistiram até o final do questionário.

Conclui-se que o acesso à informação não se limita à conexão com uma rede de internet. Implica, também, em considerar o entendimento sobre a informação e o impacto psicológico desse conteúdo disponível. Em tempos de pandemia as diferenças populacionais já existentes tornaram-se ainda mais evidentes, portanto, repensar as estratégias de abordagem ao acessar os idosos, tende a refletir positivamente na luta contra este cenário pandêmico. Nesse sentido, é necessário compreender as particularidades e pluralidades de cada grupo social para pensar em um alcance integral das informações sobre saúde.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho só foi possível com o auxílio de pessoas que se mostraram constantemente dispostas a contribuir com a pesquisa brasileira e com a saúde das pessoas idosas. Agradecimentos à equipe de professores da UNAPI/UFRGS, ao Diretório Acadêmico Othon Silva/UFRGS pelo apoio com sua página do *Instagram*, e ao Centro de Pesquisa em Odontologia Social (CPOS/UFRGS) pelo apoio com recursos humanos e intelectual para a concretização deste capítulo. Agradecimentos também aos amigos e familiares que divulgaram a pesquisa em suas redes sociais!

REFERÊNCIAS

1. Allahverdipour H. Global challenge of health communication: infodemia in the coronavirus disease (COVID-19) pandemic. *J Educ Community Health*. 2020;7(2):65-7. <https://doi.org/10.29252/jech.7.2.65>
2. Alvarez-Risco A, Mejia CR, Delgado-Zegarra J, Del-Aguila-Arcenales S, Arce-Esquivel AA, Valladares-Garrido MJ, et al. The Peru approach against the COVID-19 infodemic: insights and strategies. *Am J Tropical Med Hyg*. 2020;103(2):583-6. <https://doi.org/10.4269/ajtmh.20-0536>
3. Jakovljevic M, Bjedov S, Jaksic N, Jakovljevic I. COVID-19 pandemia and public and global mental health from the perspective of global health security. *Psychiatria Danubina*. 2020;32(1):6-14. <https://doi.org/10.24869/psyd.2020.6>
4. Girdhar R, Srivastava V, Sethi S. Managing mental health issues among elderly during COVID-19 pandemic. *J Geriatric Care Res [Internet]*. 2020 [cited 2021 Jun 02];2020;7(1):32-5. Available from: <http://pu.edu.pk/MHH-COVID-19/Articles/Article22.pdf>
5. Sousa Jr JH, Raasch M, Soares JC, Sousa LV. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cad Prospecção [Internet]*. 2020[cited 2021 Jun 02];13(2 COVID-19):331. Available from: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/download/35978/20912>
6. Garcia KR, Rodrigues L, Pereira L, Busse G, Irbe M, Almada M, et al. Improving the digital skills of older adults in a COVID-19 pandemic environment. *Educ Gerontol*. 2021;47(5):196-206. <https://doi.org/10.1080/03601277.2021.1905216>
7. Morrow-Howell N, Galucia N, Swinford E. Recovering from the COVID-19 pandemic: a focus on older adults. *J Aging Soc Policy*. 2020;32(4-5):526-35. <https://doi.org/10.1080/08959420.2020.1759758>
8. Ageing A. A Policy Framework. Geneva: World Health Organisation [Internet]. 2002 [cited 2021 Jun 02]. Report No. WHO/NMH/NPH/02.8. Available from: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/67215>
9. Castro A, Camargo BV. Representaciones sociales de la vejez y el envejecimiento en la era digital: literatura. *Psicol Rev*. 2017;23(3):882-900. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n3p882-900>
10. Silva MJ, Dillon NM, Araújo AC, Andrade BS, Reis Junior LW, Bonfim Neto LL, Lobato CM. A promoção de saúde mental em idosos não-institucionalizados atendidos pelo SUS: gerações do fazer saúde. *Extensio: Rev Eletrôn Extensão*. 2020;17(36):159-66. <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2020v17n36p159>
11. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país [Internet]. 2018 [cited 2021 Jun 02]. Available from: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>
12. Englander M. The interview: Data collection in descriptive phenomenological human scientific research. *J Phenomenol Psychol*. 2012;43(1):13-35. . <https://doi.org/10.1163/156916212X632943>
13. Lima-Costa MF. Envelhecimento e saúde coletiva: estudo longitudinal da saúde dos idosos brasileiros (ELSI-Brasil). *Rev Saúde Pública*. 2018;52:2s. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.201805200supl2ap>
14. Williamson EJ, Walker AJ, Bhaskaran K, Bacon S, Bates C, Morton CE, et al. Factors associated with COVID-19-related death using OpenSAFELY. *Nature*. 2020;584(7821):430-6. <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2521-4>
15. Ornell FE, Schuch JB, Sordi AO, Kessler FH. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*. 2020;2-7. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
16. Robb CE, Jager CA, Ahmadi-Abhari S, Giannakopoulou P, Udeh-Momoh C, McKeand J, et al. Associations of social isolation with anxiety and depression during the early COVID-19 pandemic: a survey of older adults in London, UK. *Frontiers Psychiatry*. 2020;11. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.591120>
17. Lima RC. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Rev Saúde Coletiva*. 2020;30:e300214. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300214>
18. Santos GA, Vaz CE. Grupos da terceira idade, interação e participação social. In: Zanella AV. (Org). *Psicologia e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais 2008. P. 333-46.
19. Kiat BW, Chen W. Mobile instant messaging for the elderly. *Procedia Comp Sci*. 2015;67:28-37. <https://doi.org/10.1016/j.procs.2015.09.246>
20. Chou WH, Lai YT, Liu KH. User requirements of social media for the elderly: a case study in Taiwan. *Behav Inform Technol*. 2013;32(9):920-37. <https://doi.org/10.1080/0144929x.2012.681068>